

**CCB**

CENTRO DE ESPECTÁCULOS



**BEE  
THO  
VEN**  
2008

**INTEGRAL  
DOS TRIOS  
COM PIANO**

# BEE THO VEN

## 08

### INTEGRAL DOS TRIOS COM PIANO

**SALA LUÍS DE FREITAS BRANCO / 21H  
M/12 ANOS**

**SCHOSTAKOVICH-ENSEMBLE (DSCH)**

FILIPE PINTO-RIBEIRO piano  
TATIANA SAMOUIL violino  
PAVEL GOMZIAKOV violoncelo

**LUDWIG VAN BEETHOVEN  
[1779-1827]**

**30 MAIO 08**

**31 MAIO 08**

**I PARTE**

TRIO PARA PIANO, VIOLINO E VIOLONCELO  
EM MI BEMOL MAIOR, OP. 1, N.º 1

*I. ALLEGRO  
II. ADAGIO CANTABILE  
III. SCHERZO: ALLEGRO ASSAI – TRIO  
IV. FINALE: PRESTO*

**I PARTE**

TRIO PARA PIANO, VIOLINO E VIOLONCELO  
EM SOL MAIOR, OP. 1, N.º 2

*I. ADAGIO – ALLEGRO VIVACE  
II. LARGO CON ESPRESSIONE  
III. SCHERZO: ALLEGRO – TRIO  
IV. FINALE: PRESTO*

TRIO PARA PIANO, VIOLINO E VIOLONCELO  
EM DÓ MENOR, OP. 1, N.º 3

*I. ALLEGRO CON BRIO  
II. ANDANTE CANTABILE CON VARIAZIONI  
III. MENUETTO: QUASI ALLEGRO – TRIO  
IV. FINALE: PRESTISSIMO*

TRIO PARA PIANO, VIOLINO E VIOLONCELO  
EM MI BEMOL MAIOR, OP. 70, N.º 2

*I. POCO SOSTENUTO – ALLEGRO, MA NON TROPPO –  
TEMPO I – TEMPO II  
II. ALLEGRETTO  
III. ALLEGRETTO, MA NON TROPPO  
IV. FINALE: ALLEGRO*

**II PARTE**

TRIO PARA PIANO, VIOLINO E VIOLONCELO  
EM RÉ MAIOR, OP. 70, N.º 1, *GEISTER*

*I. ALLEGRO VIVACE CON BRIO  
II. LARGO ASSAI ED ESPRESSIVO  
III. PRESTO*

**II PARTE**

TRIO PARA PIANO, VIOLINO E VIOLONCELO  
EM SI BEMOL MAIOR, OP. 97, *ERZHERZOG*

*I. ALLEGRO MODERATO  
II. SCHERZO: ALLEGRO – TRIO  
III. ANDANTE CANTABILE MA PERÒ CON MOTO –  
POCO PIU ADAGIO – TEMPO I  
IV. ALLEGRO MODERATO – PRESTO*

A 22 de Dezembro de 1808, o compositor Ludwig van Beethoven (1770-1827) levou a efeito em Viena um concerto memorável: deu a conhecer, em estreia, a Quinta e a Sexta sinfonias, o Concerto nº 4 para piano, a ária *Ah, Perfido!*, dois excertos da Missa em Dó e a Fantasia para piano, orquestra e coros Op. 80. Era o seu adeus a Viena, num prenúncio musical que não viria a confirmar-se: o compositor nunca chegou a abandonar a capital austríaca.

O CCB vai evocar, em Dezembro de 2008, os 200 anos do concerto de Viena, numa maratona musical que cobrirá grande parte da produção de Beethoven antes de 1808. Por isso, a programação musical do ano em curso tem como um dos vectores principais a evocação das principais etapas da carreira de Beethoven como compositor.

Ao longo de duas semanas, em Janeiro, abordou-se, em cinco recitais, uma parte significativa da literatura para piano assinada pelo compositor alemão. Artur Pizarro, Hüseyin Sermet, Stephen Kovacevich, Cédric Tiberghien e Giovanni Bellucci foram os solistas.

Em Abril, a segunda edição dos Dias da Música em Belém deu destaque ao repertório de câmara de Beethoven, especialmente os seus quartetos de cordas, com destaque para a execução dos cinco últimos pelo Quarteto Prazak.

Agora, nos dias 30 e 31 de Maio, o **Schostakovich Ensemble**, constituído pelo pianista Filipe Pinto-Ribeiro, a violinista Tatiana Samouil e o violoncelista Pavel Gomziakov oferecerá a integral dos trios com piano, entre os quais os célebres *Geister-Trio* e o *Arquiduque* Op. 97.

**LUDWIG VAN BEETHOVEN** escreveu inúmeras peças de música de câmara com piano. As mais conhecidas são certamente as suas sonatas para violino ou violoncelo e piano, e os trios para violino, violoncelo e piano. Entre estes, há uma distinção que importa fazer: os que foram publicados durante a vida do compositor e os que não foram. Nestes dois concertos do Schostakovich-Ensemble, vamos poder ouvir todos os trios para cordas e piano que pertencem ao primeiro grupo (à excepção do Trio op. 11, originalmente escrito para clarinete): os três Trios op. 1, os dois Trios op. 70, e o Trio op. 97, seguramente o mais famoso. Mais ainda, através destas seis peças vamos fazer uma pequena viagem musical pela evolução estilística da música de Beethoven.

Em Novembro de 1792, o jovem Beethoven, então com quase vinte e dois anos, deixa a sua cidade natal, Bona, para se instalar na grande capital da música, Viena. Aí, tem aulas com Joseph Haydn e começa a fazer-se notar como pianista virtuoso e como compositor. É desta altura, muito

conturbada a nível político, sobretudo por causa da revolução de 1789, que datam os Trios op. 1, obras emblemáticas da produção do compositor, já que se tratam das primeiras a terem sido catalogadas. Escritos entre 1791 e 1793, Beethoven considerou estes três trios para piano, violino e violoncelo com valor suficiente para serem publicados e para constarem como o início da sua actividade de compositor. Há que considerar, quanto a isto, que Beethoven já havia escrito, nesta altura, quase vinte obras de música de câmara e que o piano já assumia um papel determinante na sua produção (havia escrito trios e quartetos com piano).

A estreia destes primeiros trios deu-se em Viena. Pouco tempo depois de chegar, e acompanhado por Ignaz Schuppanzig ao violino e Anton Kraft ao violoncelo, o compositor apresentou-os na residência do príncipe Carl Lichnowsky, a quem as obras foram dedicadas. Na audiência, além de muitas figuras ilustres da vida musical vienense, estava presente o próprio Haydn. Para estas suas primeiras peças, Beethoven escolheu uma estrutura dividida em quatro andamentos, o que já de si representa uma inovação, sendo que o terceiro é uma dança: um scherzo nos dois primeiros e um minueto no terceiro. Na sua génese, estes trios iniciais têm como modelo assumido os trios de Haydn. No entanto, nos três casos, mas sobretudo no Trio op. 1 n.º 3, nota-se já um certo distanciamento deste modelo e o despontar de algumas características musicais muito próprias ao compositor, que iriam ser desenvolvidas nos anos seguintes. Mais ainda, quanto ao Trio n.º 3, há que atribuir algum significado ao facto desta peça ser em Dó menor, tonalidade emblemática e com grande carga simbólica na música de Beethoven: das outras peças do compositor que partilham esta tonalidade, destaque para a *Sonata* op. 13, *Pathétique*, o *Quarteto de Cordas* op. 18 n.º 4, o *Concerto para piano n.º 3*, op. 37, a *Sinfonia n.º 5*, op. 67, ou a sua última sonata para piano, a abissal op. 111. O pianista e musicólogo Charles Rosen diz mesmo que a tonalidade de Dó menor simboliza a personalidade artística de Beethoven, e se a verdade é que os argumentos que sustentam esta ideia serão sempre subjectivos e passíveis de contestação, há que reconhecer que uma grande parte das obras do compositor escritas nesta tonalidade, como as que acabámos de referir, é de enorme expressividade e dramatismo, e tem uma importância considerável no seu percurso musical.

Com os dois Trios op. 70, escritos em 1808 – ou seja, mais de quinze anos depois do op. 1, dez anos depois do Trio op. 11 (1798), e já durante aquele que é considerado como o segundo período estilístico do compositor –, Beethoven dá um grande passo no que toca à expressividade e ao dramatismo musicais, e também à independência, importância e relação entre

os três instrumentos. Esta década (c. 1802-1814), muitas vezes apelidada de “heróica”, representa, aliás, uma das mais produtivas para o compositor, sobretudo no que diz respeito à quantidade de obras emblemáticas. A composição destes dois trios deu-se no mesmo ano das Sinfonias n.ºs 5 e 6, e foi incentivada pela condessa Marie von Erdödy, em casa de quem Beethoven viveu durante algum tempo e onde escreveu e estreou os trios.

O Trio op. 70, n.º 1 em Ré maior, *Geister* (ou *Trio dos fantasmas*) está dividido em três andamentos. O primeiro e o terceiro são de ambiente alegre e despreocupado, com vários elementos musicais jocosos. Em contraste, o *Largo* intermédio é bem mais misterioso e profundo, de ambiente fantasmagórico – daí o nome de *Trio dos fantasmas*. É muito provável que as características específicas deste andamento estejam relacionadas com as experiências que o compositor estava a realizar com vista à composição de uma cena de bruxas para uma ópera baseada em *Macbeth* – que nunca chegou a ser escrita. Quanto à música propriamente dita, poderíamos aqui citar o que E. T. A Hoffmann escreveu sobre o *Geistertrio*: “...fazendo jus ao carácter diferenciado dos três instrumentos, do mais alto nível artístico e compositorial, outorgando espaço indefinido à fantasia como música puramente instrumental não restringida por palavras e, conseqüentemente, tipicamente romântica.”

Este ambiente nebuloso e romântico desaparece no Trio op. 70, n.º 2 em Mi bemol maior, que, em termos de sucesso, é geralmente abafado pelo precedente, daí ser bem menos conhecido. Aqui, Beethoven volta à estrutura baseada em quatro andamentos, começando com uma introdução lenta e pacífica, característica que acaba por se estender a toda a obra. De facto, neste trio, o compositor raramente explora os extremos, preferindo as subtilezas de um registo emocional intermédio. É esta serenidade que torna a peça tão apelativa e interessante. Há que referir, todavia, que o lirismo não está, de todo, ausente e, mesmo se o compositor prescinde de um andamento lento (no lugar do qual escreve um *Allegretto*), nem tudo nesta música é alegria e despreocupação.

Cerca de três anos mais tarde, em 1811, Beethoven compõe o seu último trio com piano, o op. 97, em Si bemol maior, *Erzherzog* (ou *Arquiduque*). O trio foi publicado em 1816 e foi dedicado ao arquiduque da Áustria Rudolfo de Habsburgo-Lorena (1788-1831), que além de ser aluno, tornou-se amigo e protector de Beethoven – aliás, o compositor dedicou-lhe várias outras obras, como por exemplo os dois últimos concertos para piano, a última sonata e a sua única ópera, *Fidélio*. Um dado interessante prende-se com o facto da primeira apresentação pública do trio,

que ocorreu em Maio de 1814 no Prater, em Viena, tenha sido também a última vez que Beethoven se apresentou em público como pianista.

O Trio *Arquiduque* está dividido em quatro andamentos e pode ser considerado como a síntese das características exploradas pelo compositor durante a “década heróica”. O primeiro andamento, *Allegro moderato*, de grandiosas proporções, segue a estrutura da forma-sonata (estrutura característica do estilo “Clássico” que, resumidamente, contém três secções distintas: exposição, desenvolvimento e recapitulação, que podem ser antecedidas por uma introdução e seguidas de uma coda). Neste andamento inicial podemos notar que o compositor tenta, por momentos, simular o som da orquestra, remetendo para segundo plano o desenvolvimento temático. Esta técnica, que consiste em aproveitar ao máximo a textura e capacidade dos três instrumentos, seria desenvolvida por Johannes Brahms, alguns anos mais tarde. O segundo andamento da peça toma a forma de *Scherzo* jocoso iniciado pelo violoncelo e pelo violino, aos quais o piano se junta depois. O terceiro andamento, o *Andante*, apresenta um tema – sem dúvida um dos mais notáveis de Beethoven – com variações, seguidas de uma coda de grande impacto musical. Depois de várias experiências, sobretudo no que diz respeito à tonalidade, o último andamento acaba com uma coda exuberante.

Embora não apresente inovações propriamente ditas, a verdade é que, devido à sua forma grandiosa, às cores, texturas e técnicas utilizadas, assim como à inventividade do compositor, o Trio *Arquiduque* alcançou um lugar de destaque na sua produção de música de câmara e foi adoptado como modelo durante o século XIX.

Os trios que podemos ouvir nestes dois concertos demonstram-nos o interesse e o carinho do compositor pela música de câmara com piano. Há aqui que referir que Beethoven escreveu mais peças para estes três instrumentos (outros trios, como já foi mencionado, mas também dois “ciclos” de variações – op. 44 e op. 121a), o que só reforça a ideia de que este género musical era especialmente relevante para o compositor. Género para o desenvolvimento do qual, como escreveu Mark Kaplan, Beethoven foi uma figura determinante.

**Francisco Sasseti**

Principais fontes utilizadas:

BERGER, Melvin, *Guide to Chamber Music*, Nova Iorque, Dover, 2001.

MICHEL, Ulrich, *Atlas de Música II – Do Barroco à Actualidade*, várias traduções, Lisboa, Editora Gradiva, 2007.

ROSEN, Charles, *The Classical Style*, Londres, Faber and Faber, 1997.

STANLEY, Glenn (dir.), *The Cambridge Companion to Beethoven*, Cambridge, CUP, 2000.

TRANCHEFORT, François-René (dir.), *Guide de la Musique de Chambre*, Paris, Fayard, 1989.



## LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770-1827)

Nasceu em Bona, mas foi em Viena, a cidade celebrizada por Haydn e Mozart, que se fixou em 1792, iniciando uma brilhante carreira de pianista e de compositor. Beethoven ocupa um lugar eminente na história da música, e também no coração de todos os melómanos. Se isto se deve em parte às circunstâncias que caracterizaram a sua vida (a Revolução Francesa e as suas consequências, e também o advento do romantismo), advém, sobretudo, da força com que soube enfrentar um destino excepcional, e do seu génio, que lhe permitiu renovar profundamente a linguagem musical. Mas cedo foi atingido pelo mais cruel destino que pode ter um músico: a surdez, que logo em 1802 se revelou incurável. Numa primeira fase, sentiu-se completamente

desesperado, tendo mesmo pensado no suicídio, mas conseguiu dominar o intenso sofrimento – o “heroísmo” beethoveniano –, encarando a criação musical como o meio de falar ao coração de todos os homens e de continuar a transmitir a mensagem de que se considerava portador. Temos, assim, que a partir de 1802 Beethoven intensificou a sua actividade criadora. Do ponto de vista musical e formal, a sua obra, impregnada da magnífica herança dos seus antecessores, caracteriza-se pelo alargamento constante das fronteiras de cada género, transformando os sistemas estabelecidos, em particular no domínio sinfónico, na obra para piano, que já “contém” todo o século XX, e possivelmente, de uma forma ainda mais acentuada, no domínio do quarteto de cordas, em que revolucionou verdadeiramente a escrita. Mas a sua música não deixa de transmitir à humanidade uma mensagem consoladora e fraterna.

© Leonel de Castro



FILIFE PINTO-RIBEIRO

PAVEL GOMZKIAVOV

TATIANA SAMOUIL

## FILIFE PINTO-RIBEIRO

. PIANO

Nasceu no Porto, em 1975. O pianista Filife Pinto-Ribeiro, doutorado com a máxima classificação pelo Conservatório Tchaikovski de Moscovo, é considerado um dos músicos portugueses mais relevantes da actualidade.

Em Portugal, estudou com Helena de Sá e Costa e graduou-se com Pedro Burmester na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo, no Porto.

Como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, estudou entre 1996 e 2000 no Conservatório Tchaikovski de Moscovo, sob a orientação da famosa professora Liudmila Roschina, chefe de cátedra de Piano, tendo concluído, com a classificação “Excelente” a todas as disciplinas, o Doutoramento em Interpretação Pianística.

Recebeu a influência de diversos mestres e participou, com frequência, em *master-classes* internacionais. Foi apreciado e aconselhado por alguns dos maiores nomes do panorama pianístico mundial, incluindo Elisso Virsaladze e Dmitri Bashkurov.

Filife Pinto-Ribeiro é professor de Piano na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, no Porto. Orienta frequentemente *master-classes* de piano. Gravou diversos CD que obtiveram excelente receptividade por parte do público e da crítica musical. O seu CD de estreia, interpretando obras de M. Mussorgsky, A. Scriabin, D. Schostakovich, C. Debussy e M. Ravel, está já em segunda edição (Numérica 1118). O CD *Berlin Sessions* (Numérica 1105), gravado pelo pianista na capital alemã, contém sonatas de D. Scarlatti, C. Seixas, L. Beethoven, R. Wagner e S. Prokofiev. Gravou ainda

um CD, em duo com a pianista Rosa Maria Barrantes, que inclui obras de G. Fauré, E. Satie, C. Debussy, F. Poulence e M. Ravel (Numérica 1119). Em 2007, foi editado o seu último CD a solo intitulado *Bach: Piano Transcriptions* (Companhia Nacional de Música 170CD).

Desenvolve uma intensa actividade solística e camerística, abrangendo um vasto repertório que se estende do Barroco até aos nossos dias. Fez a estreia em Portugal de obras como os 24 *Prelúdios e Fugas*, op. 87 de D. Schostakovich, a *Chaconne* de S. Gubaidulina, o *Concerto para piano e orquestra*, op. 33 de A. Dvorák, o *Quinteto com piano*, op. 15 de E. W. Korngold, ou a versão para piano das *Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz* de J. Haydn.

Apresenta-se regularmente a solo com diversas orquestras e maestros em Portugal e no estrangeiro, como a Orquestra Filarmónica da Eslováquia, Orquestra Filarmónica da Arménia, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Nacional do Porto, sob a direcção, entre outros, dos maestros John Nelson, Marc Tardue, Roman Brogli-Sacher e Charles Olivieri-Munroe.

É membro do Quarteto Archino, agrupamento sediado em Bruxelas e que inclui ainda a violinista Tatiana Samouil, o violonista Yves Cortvint e o violoncelista Justus Grimm. Filife Pinto-Ribeiro é director artístico do Schostakovich-Ensemble (DSCH), com o qual se apresentou em concertos em cidades como Lisboa, Moscovo, Tallinn e Estocolmo.

Pianista laureado, tem actuado em algumas das principais cidades da Europa, Ásia e América, vendo o seu pianismo reconhecido como

ímpar pela crítica especializada nacional e internacional.

## TATIANA SAMOUIL

. VIOLINO

Tatiana Samouil nasceu em São Petersburgo, numa família de músicos. Aos nove anos estreou-se como solista com a Orquestra Nacional da Moldávia, sob a direcção de seu pai, Alexander Samouil.

Diplomou-se com menção especial do júri no Conservatório Tchaikovski de Moscovo, na classe de Maia Glezarova. Concluiu o mestrado no Conservatório Real de Bruxelas com Igor Oistrakh, onde recebeu o Prémio Especial Maurice Lefrank. Estudou ainda com José Luís Garcia na Escola Superior de Música Rainha Sofia em Madrid.

Tatiana Samouil foi distinguida com o 1.º Prémio no Concurso Tenuto, o Grand-Prix do Concurso Henri Vieuxtemps, a medalha de ouro no Concurso Mundial de Violino Michael Hill, a medalha de bronze no Concurso Tchaikovski de Moscovo, e é ainda laureada do Concurso Jean Sibelius e do Concurso Rainha Elisabeth de Bruxelas.

Tocou como solista com a Orquestra Nacional da Rússia, a Nacional da Bélgica, a Sinfónica de São Petersburgo, a Sinfónica da Holanda, a Sinfónica do Teatro Colón de Buenos Aires, a Sinfónica do Teatro La Monnaie, a Orquestra da Rádio da Finlândia, a Filarmónica de Nijni Novgorod, a Filarmónica de Auckland, a Orquestra Nacional de Câmara de Toulouse, a Deutsches Kammerorchester de Berlim, sob a direcção, entre outros, de G. Varga, B. Engeset, M. Harth-Bedoya, Alexander Rabhari, K. Ono, H. Beissel, A. Anissimov e L. Gorelik.

Tem uma actividade intensa no domínio da música de câmara tocando, entre outros, com Gérard Caussé, Bruno Pasquier, Michaela Martin, Frans Helmersson, Katia e Marielle Labèque, Sonia Wieder-Atherton e Augustin Dumay. É membro do Schostakovich-Ensemble (DSCH). É docente na Chapelle Musicale Reine Elisabeth e no Instituto Superior de Música de Namur. Tatiana Samouil é concertino da Orquestra Sinfónica do Teatro La Monnaie de Bruxelas.

### PAVEL GOMZKIAVOV

#### . VIOLONCELO

Pavel Gomziakov nasceu na Rússia. Começou os estudos de violoncelo com Elena Kopilova e estudou com David Grigorian no Instituto Gnssin de Moscovo. Graduiu-se no Conservatório Tchaikovski de Moscovo, na classe de Violoncelo de Dmitri Muller. Mais tarde, foi aluno de Natalia Shakhovskaya na Escola Superior de Música Rainha Sofia, em Madrid, e de Philippe Muller no Conservatório de Paris. Fez *master-classes* com Boris Pergamenschikov, Natalia Gutman, Lynn Harrel, David Gerigas, Frans Helmerson e Miklós Perényi.

Violoncelista premiado com primeiros prémios em concursos

internacionais recebeu ainda o prémio especial do júri no Concurso Tchaikovski de Moscovo. Pavel Gomziakov apresentou-se como solista com orquestra em digressões na Europa, Rússia e Japão, sob a direcção, entre outros, dos maestros Jesus Lopez Cobos, Antoni Rós-Marba e Leonid Nicolaev.

Foi violoncelo solo convidado no Teatro Real de Madrid e no Teatro La Monnaie de Bruxelas.

Tem uma intensa actividade de música de câmara, tendo actuado, entre outros, com Gérard Caussée, Eldar Nebolsin, José Luís García Asencio e Zakhar Bron.

É membro do Schostakovich-Ensemble (DSCH).

Pavel Gomziakov toca em duo com a pianista Maria João Pires. Toca num violoncelo Bernardel Père de 1865, cedido pela Fundação Zilber. Actualmente reside em Paris e desenvolve uma intensa actividade concertística.

### SCHOSTAKOVICH-ENSEMBLE (DSCH)

É um agrupamento musical com o intuito da excelência e do prazer da música de câmara. Foi criado pelo pianista Filipe Pinto-Ribeiro em 2006, ano do centenário do nascimento

do compositor Dmitri Schostakovich, e apresentou concertos em cidades como Lisboa, Estocolmo, Tallinn e Moscovo, obtendo excelente receptividade da crítica e do público. Apresenta-se em diversas formações privilegiando o trio e o quarteto com piano, o quarteto de cordas e o quinteto com piano, abordando um vasto repertório com obras de Johann Sebastian Bach, Wolfgang Amadeus Mozart, Joseph Haydn, Ludwig van Beethoven, Franz Schubert, Felix Mendelssohn, Robert Schumann, Johannes Brahms, Piotr Tchaikovsky, Claude Debussy, Maurice Ravel, Fernando Lopes-Graça, Serguei Prokofiev, Armando José Fernandes, Dmitri Schostakovich e Sofia Gubaidulina, entre outros. Desde a sua fundação, o Schostakovich-Ensemble contou com a participação dos violinistas Tatiana Samouil e Ludwig Dürichen, dos violetistas Natalia Tchitch e Tony Nys, dos violoncelistas Pavel Gomziakov e Justus Grimm, do contrabaixista Tiago Pinto-Ribeiro, dos cantores Zlata Rubinova e Yuri Kissin, dos pianistas Rosa Maria Barrantes e Filipe Pinto-Ribeiro, entre outros. O Schostakovich-Ensemble tem a direcção artística de Filipe Pinto-Ribeiro.

### CCB

#### > CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

> António Mega Ferreira [Presidente] | Ana Isabel Trigo Morais [Vogal] | Margarida Veiga [Vogal]

#### > CENTRO DE ESPECTÁCULOS

> Direcção do Centro de Espectáculos Miguel Leal Coelho . Adjunta para a Programação Luísa Taveira

Secretariado de Direcção Luísa Inês Fernandes . Direcção de Produção Carla Ruiz . Produção Paulo Barbosa | João Oliveira | Inês Correia | Patrícia Silva | Hugo Cortês Assistente de Produção Rita Bagorro . Director De Cena Rosário Vale . Direcção de Cena Jonas Omberg | José Valério | Pedro Rodrigues | Cláudia Belchior | Patrícia Costa . Secretariado de Direcção de Cena Yolanda Seara . Director Técnico Paulo Graça . Chefe Técnico de Palco Rui Marcelino . Secretariado de Direcção Técnica Sofia Matos . Técnico Principal Pedro Campos | Luís Santos | Raul Seguro . Técnico Executivo Artur Brandão | F. Cândido Santos | Vítor Pinto | César Nunes | José Carlos Alves | Hugo Campos | Mário Silva | Ricardo Melo | Rodrigo Oliveira | Rui Croca . Chefe Técnico de Audiovisuais Nuno Grácio . Técnico de Audiovisuais Rui Leitão | Eduardo Nascimento | Luís Garcia Santos | Nuno Bizarro | Paulo Cacheiro | Nuno Ramos | J. Paulo Santana . Chefe Técnico de Gestão e Manutenção Siamanto Ismaily Técnico de Manutenção João Santana | Luís Teixeira | Vítor Horta



# A ESTREIA DE UM MESTRE

# JUN 08

RESIDÊNCIA **SEQUEIRA COSTA** NO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

## 19

## 24

## 26



QUINTA-FEIRA  
**PEQUENO AUDITÓRIO / 21H**  
M/12 ANOS

TERÇA-FEIRA  
**SALA LUÍS DE FREITAS BRANCO / 19H**  
M/6 ANOS

QUINTA-FEIRA  
**SALA LUÍS DE FREITAS BRANCO**  
**DAS 10H30 ÀS 13H30**  
**E DAS 16H30 ÀS 19H30**

## RECITAL DE PIANO

**SEQUEIRA COSTA**  
PIANO

**PROGRAMA**  
FRÉDÉRIC CHOPIN  
(1810-1849)

24 Estudos, op. 10 e op. 25

*A abrir esta residência no CCB, Sequeira Costa traz ao Pequeno Auditório os estudos de Frédéric Chopin, destacando esta forma musical que o compositor romântico eternizou e que reúne uma forte complexidade técnica a uma expressiva musicalidade.*

## CONCERTO MÚSICA DE CÂMARA

**SEQUEIRA COSTA**  
PIANO

**SYLVIA MARCOVICI**  
VIOLINO

**SONIA WIEDER-ATHERTON**  
VIOLONCELO

**PROGRAMA**  
JOHANNES BRAHMS (1833-1897)  
*Sonata para violino e piano n.º 2 em Lá maior, op. 100 / Sonata para violoncelo e piano n.º 1 em Mi menor, op. 38*

FRANZ SCHUBERT (1797-1828)  
*Trio n.º 1 em Si bemol maior, D. 898*

## MASTER-CLASS SEQUEIRA COSTA

STUART DEEVER  
AKIKO FUKUDA  
HIDEAKI OSHIRO  
DANIEL CUNHA

*A residência de Sequeira Costa integra ainda uma master-class orientada pelo pianista em que o público terá oportunidade de assistir ao trabalho do professor com quatro alunos: o norte-americano Stuart Deever, os japoneses Akiko Fukuda e Hideaki Oshiro e ainda o português Daniel Cunha.*

**ENTRADA LIVRE – ATÉ AO LIMITE DA SALA**

# CCB

NOVA BILHETEIRA ONLINE [WWW.CCB.PT](http://WWW.CCB.PT)  
CARTÃO AMIGO **CCB**

MIC  
MINISTÉRIO DA CULTURA

CCB  
CENTRO CULTURAL  
DE BELÉM